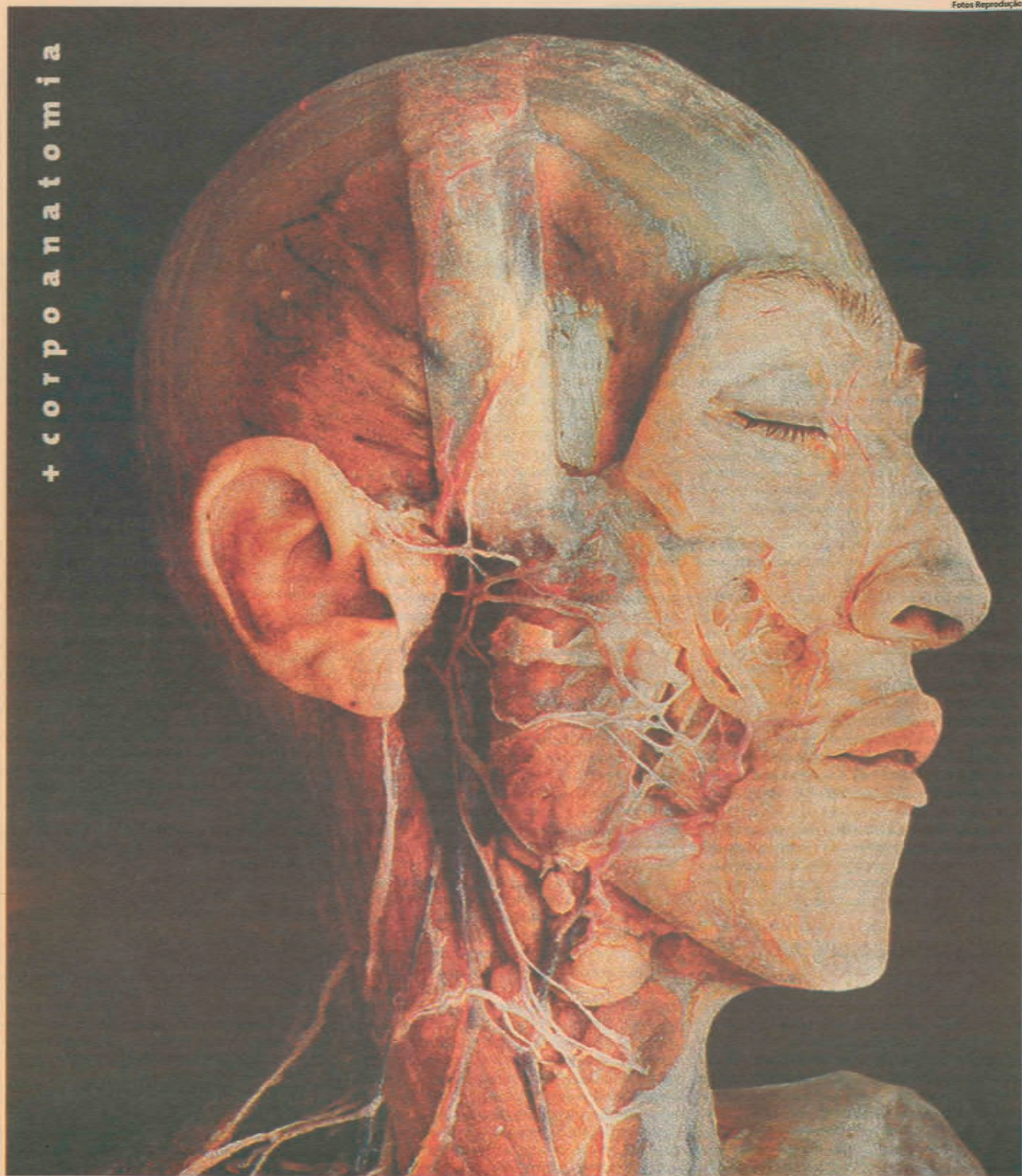


+ corpo anatomia



Técnica inédita desenvolvida pelo anatomista alemão Gunther von Hagens atrai e choca o público ao mostrar cadáveres autênticos "plastificados"

As formas da morte

Maria Teresa Santoro

especial para a Folha

Uma exposição de cadáveres plastificados intitulada "Mundos do Corpo - A Fascinação das Superfícies", em Colônia (Alemanha), no Heumarkt, onde fica até 31 de julho, atrai e choca o público e retoma discussões religiosas e éticas sobre o corpo humano.

Mais do que uma aula de anatomia, o resultado produzido pelo trabalho do médico Gunther von Hagens é uma dessacralização, ou ressacralização, do corpo humano e também, segundo ele, uma tentativa de democratização de suas formas e funções. Para o visitante leigo, o efeito é assustador.

Rostos curiosos, impressionados, passeiam pelo grande salão onde estão expostas mais de 200 peças, entre elas corpos fatiados nas suas extensões horizontal e vertical e órgãos sadios e doentes, que são mostrados em detalhes, com suas transparências, aberturas e plasticidades.

Através do desmembramento de órgãos, é possível, por exemplo, observar o interior de um coração, as partes de um cérebro ou a circulação sanguínea de uma mão desencarnada. Figuras mais radicais são aquelas repartidas na horizontal ou na vertical, expandidas em partes fatiadas, com o objetivo de mostrar o que está no interior das divisões.

Esse resultado foi obtido graças a uma técnica desenvolvida por Von Hagens, professor de anatomia, e cunhada por ele como "plastination" (do grego "plassein": formar, tornar plástico). O processo foi iniciado em 1977, no Instituto de Anatomia da Universidade de Heidelberg, na Alemanha, como uma tentativa de superar o método egípcio de embalsamamento, que durou até o século 17, bem como as substâncias químicas e

as técnicas tradicionais que fixam os tecidos. Como resultado, obtém-se a conservação de substâncias orgânicas por meio de materiais plásticos.

Segundo seu criador, o processo da "plastinação", tecnicamente complexo, necessita de mais pesquisas e aperfeiçoamentos sobre a ligação dos materiais plásticos, sobre diferentes tempos de duração da impregnação nos órgãos humanos, sobre as tecnologias de endurecimento etc.

No processo atualmente desenvolvido, os tecidos molhados do corpo humano são substituídos por materiais artificiais (borracha de silicone, resina de epóxi e poliéster), em procedimento especial de vácuo. A preparação de um corpo inteiro, por exemplo, é trabalho que atualmente dura de 500 a 1.000 horas. Por esse método, as células do corpo e o relevo das superfícies ficam inalterados até o nível microscópico, isto é, idênticos ao estado natural do corpo, antes do processo. Além disso, o preparado é seco, não tem cheiro e pode ser tocado. O resultado são peças humanas que possibilitam ao visitante ver através da complexidade tridimensional do corpo e suas variações individuais.

Segundo Von Hagens, os cadáveres são obtidos através de doações feitas em vida. Órgãos doentes extraídos em cirurgias, fetos e partes do corpo conservados de forma tradicional também são utilizados.

Pode-se dizer que o que impulsiona o visitante a uma exposição como essa é a atração pelo cadáver, ou seja, pela morte, seus rituais e símbolos. Passado o impacto inicial que a visão de um cadáver provoca, resta a curiosidade pelo corpo — nesse caso, por peças virtuais em sua perfeição real. Todos podem ver como é um ser humano por dentro, onde e como acontece uma doença ou uma operação cirúrgica, graças à fragmentação.

Segundo Von Hagens, a exposição não tem motivação artística nem estritamente científica, mas visa a



uma tomada de consciência de nossa corporeidade, de nossa natureza, através do conhecimento anômico concreto. Nessa mostra, entretanto, a anatomia, assim como a morte, ganha um novo significado: traz uma dimensão estética. Graças à incorporação do silicone, as peças podem ser manipuladas em diversas posições, numa "gestalt" que as distancia dos cadáveres e as aproxima dos movimentos reais dos corpos vivos. Para o visitante leigo, portanto, depois do choque inicial, há um efeito artístico, produzido pela força imagética da autenticidade e das posturas.

Leia a seguir entrevista com o anatomista Gunther von Hagens, feita por e-mail, em que ele fala sobre os protestos desencadeados na Alemanha contra sua exposição e de seu interesse em trazê-la ao Brasil, "se os entraves burocráticos não forem complicados", diz ele.

Há 20 anos o sr. começou a desenvolver o processo de plastificar corpos com o objetivo de fazer estudos de macroscopia anômica. O que mudou desde a idéia original até as atuais exposições?

A idéia da "plastinação" me veio à cabeça por acaso, quando observava um rim conservado pelo método tradicional (por substâncias químicas), no Instituto de Anatomia da Universidade de Heidelberg. Eu percebi que a "plastinação" poderia resolver uma série de problemas científicos e anômicos, já que facilitava a visualização, por exemplo, de camadas do corpo. Além disso, esse método de exposição dos corpos (como esculturas) enriquecia e possibilitava melhor entendimento nas aulas de anatomia. A idéia de fazer desses corpos objetos de exposição para o esclarecimento do público leigo aconteceu cinco anos depois do desenvolvimento do método.

Continua na pág. 12

"Quero alcançar uma dimensão dinâmica, estética e instrutiva na apresentação do interior do corpo"



Fotos Reprodução

Continuação da pág. anterior

Quando o sr. montou a primeira exposição, em Mannheim (Alemanha), em 97, estava preparado para os efeitos que provocaria no público e na imprensa? Como o sr. vê, por exemplo, as críticas religiosas e de conservadores, que encaram a exposição como uma provocação moral e ética?

Eu não contava com o furor das reações e controvérsias que se criaram em torno do tema. Eu não esperava, por exemplo, a forte oposição das igrejas, católica e protestante, aqui, na Alemanha, uma vez que o cristianismo sempre viu com bons olhos os aspectos científicos e o desenvolvimento da anatomia. As exposições no Japão, por outro lado, não provocaram nenhuma crítica nesse sentido.

Eu acho bom que a discussão aconteça, mas muitas das críticas publicadas são resultado de poucas ou falsas informações por parte daqueles que as fazem. A pergunta "de onde vêm os cadáveres?" é um exemplo do que estou falando, porque a origem dos corpos plastificados (doações feitas em vida, órgãos doentes extraídos em cirurgias, fetos e órgãos con-

servados de forma tradicional) foi esclarecida e regulamentada há muito tempo.

O que há para desenvolver, com o método da "plastinação", nos próximos anos?

Tecnicamente existe muito para aperfeiçoar. O próximo passo é a plastificação das veias, das glândulas e dos vasos linfáticos, assim como na combinação de sistemas orgânicos em diferentes formas de apresentação e representação. Eu pretendo trabalhar mais na democratização da anatomia, e isso quer dizer que há planos para a criação de um museu de corpos humanos.

O sr. se considera um artista, um escultor de corpos?

O meu objetivo é uma anatomia na sua totalidade e também na sua estética, que apresento ao público leigo para uso e esclarecimento médico. Embora me utilize de estratégias estéticas na composição dos corpos humanos, eu não sou um artista. Minha preocupação nesse sentido é alcançar uma dimensão dinâmica, estética e instrutiva na apresentação de seus interiores.

Quanto tempo dura um corpo "plastinado"? É necessário

alguma medida especial para a sua conservação?

A durabilidade de conservação de um corpo ou de um órgão, no nosso caso, "plastinado", depende do material plástico utilizado. O uso de borracha de silício e de silício flexível e químico faz com que essas peças durem mais do que as múmias dos faraós egípcios.

Sob condições de luz e temperatura adequadas, ou seja, as necessárias normalmente nos museus, a durabilidade de um órgão ou uma fatia de corpo é de 100 a 200 anos. No caso de um corpo humano inteiramente plastificado, a probabilidade é de durarem indefinidamente.

Qual é o calendário das próximas exposições? Há interesse em fazer uma exibição no Brasil?

A próxima exposição será em Berlim, mas as futuras ainda não estão definidas. Fazer uma exposição no Brasil? Em princípio, sim, se os entraves burocráticos não forem muito complicados. ■

Maria Teresa Santoro é doutoranda em semiótica pela Universidade Técnica de Berlim e pós-doutoranda na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).



Cadáveres submetidos à plastificação pelo anatomista Gunther von Hagens; acima, da esq. à dir., a terceira imagem mostra corpo em pose de espadachim; a quinta figura segura sua própria pele; ao lado, desenhos de anatomia dos séculos 17 e 18, que inspiraram as criações de Von Hagens

O longo caminho da anatomia

especial para a **Folha**

A fascinação pelo corpo e a curiosidade em conhecer além do que a pele encobre sempre atraiu o homem, não só por uma necessidade médico-curativa do corpo, mas também por uma curiosidade físico-estética.

No final do século 15 e no século 16, o corpo humano esteve no centro da arte renascentista, atraindo o interesse de artistas que buscavam sua beleza e perfeição estéticas. Leonardo da Vinci (1452-1519), por exemplo, esboçou inúmeros desenhos (nem sempre exatos) com estudos anatômicos das partes interiores e das proporções do corpo, objetivando um maior realismo em sua obra. Pinturas e esculturas da época mostravam corpos em posições dinâmicas, numa busca da anatomia e da beleza naturais.

Na mesma linha de interesse, a medicina anatômica, que estava limitada, em seus estudos, à dissecação de

animais, inaugurava uma nova era: a autópsia de corpos humanos. O anatomista Andreas Vesal (1514-1564), autor de "De Fabrica Humani Corporis", ficou famoso por fundar as bases da anatomia científica, corrigindo e reformulando os conceitos e as ilustrações anatômicas da época, buscando sua exatidão real.

Impedimentos Entretanto a anatomia médica, em sua evolução, enfrentou muitos problemas. Michael Foucault, em "O Nascimento da Clínica" (1987), no capítulo "Abram Alguns Cadáveres", comenta que impedimentos éticos e religiosos, acrescentados de um desinteresse clínico-científico pelo cadáver em algumas épocas, foram responsáveis pelo longo caminho que a anatomia teve que percorrer. Metáforas sobre médicos que desenterravam cadáveres em cemitérios, à noite, às escondidas, para poderem examiná-los antes que apodrecessem, geraram muitas histórias de terror. Ao mes-

mo tempo, com a introdução do microscópio, no século 17, que possibilitou a pesquisa das mais finas estruturas do corpo, muitos anatomistas foram perdendo a curiosidade pelo estudo macroscópico do cadáver.

A anatomia do corpo humano readquire interesse no final do século 19, segundo Foucault, quando o cadáver voltou a ser entendido como fonte de saber para a análise de muitas doenças e a ser diuturnamente dissecado, examinado e estudado. Para Foucault, os médicos do século 19 foram, pouco a pouco, sendo "levados a 'passar para o outro lado' e a descobrir a doença na profundidade secreta do corpo".

Apoiada pelos avanços tecnológicos, essa nova postura levou a medicina a evoluir e a se especializar.

O interesse pelo corpo humano e sua anatomia parece ressurgir agora também na arte, que quebra tabus ao expor de maneira provocativa os corpos e suas partes interiores. (MARIA TERESA SANTORO)